

REVISTA DE ARTE E DE CRITICA

ANNO I

JANEIRO DE 1879

NUMERO 6

SILVA PINTO

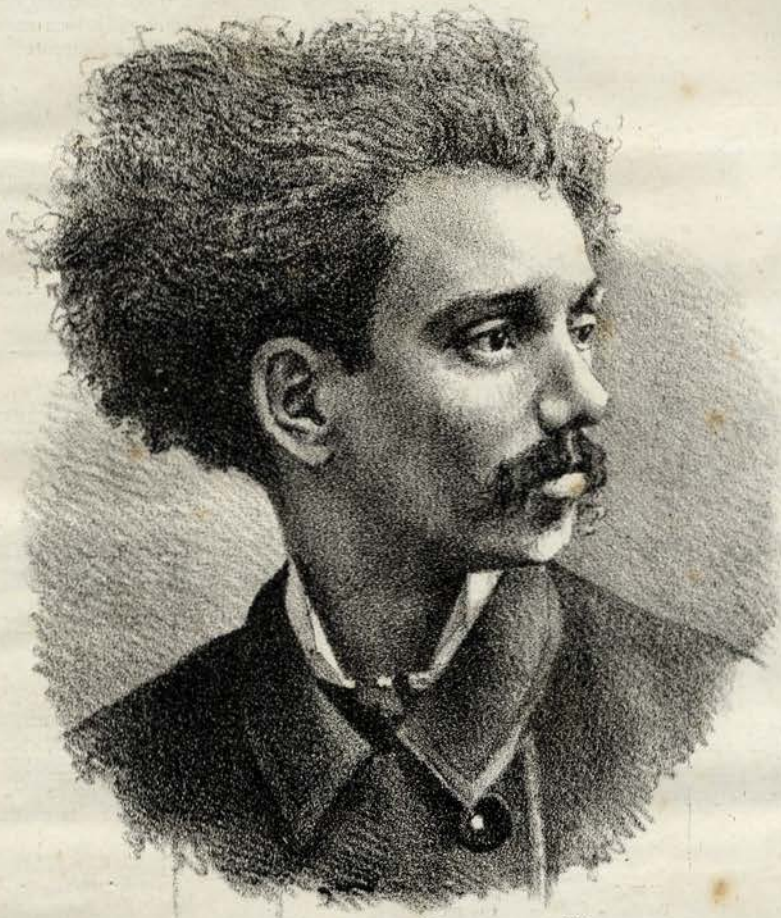
Silva Pinto, esse genio vigoroso e independente, que viveu entre nós nos ultimos annos, partiu para o Rio de Janeiro, deixando vago um logar importantissimo no jornalismo portuense.

Este nobre escriptor é, como todos sabem, dotado d'um espirito incorruptivel e por tanto teve que luctar, durante a sua permanencia n'esta cidade, com uma guerra sem treagoas, que lhe moviam os miseraveis, para quem elle era um phantasma terrivel e punidor. Ultimamente essa guerra redobrou em tenacidade e Silva

Pinto foi alvo das vaias dos seus inimigos. Desgostoso por este motivo, resolveu o nosso collega a abandonar a terra, onde tinha, e ainda tem, amigos sinceros das suas virtudes civicas e admiradores conscienciosos e fanaticos do seu privilegiado talento.

Nasceu Silva Pinto em Lisboa a 14 de abril de

1848, e foi educado no collegio de S. Luiz, Rei de França. Em 1871 estreitou-se no mundo das letras e escreveu um estudo sobre questões politicas e sociaes, queintitullou *Questões do dia*; e uma replica ao illustre jornalista Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, a proposito da apreciação d'aquelle estudo. N'essa replica, *Sciencia e Consciencia* e nos trabalhos seguintes: - *Façadas Contemporaneas*, *Theophilo Braga e os criticos*,



Silva Pinto

Á hora da lucta, Horas de febre, Espectro de Juvenal e Noites de Vigilia está o pamphletario. No *Padre Maldicto*, nos *Homens de Roma*, nos *Contos phantasticos* e principalmente no *Padre Gabriel*, affirma-se o artista. Finalmente o seu ultimo livro *Controversias*

e *Estudos Litterarios* resolveu a definitiva feição do escriptor, e decerto a mais util no periodo contemporaneo: — a Critica. É a critica litteraria que Silva Pinto consagra frequentemente todas as horas do seu estudo. Da independencia dos seus juizos, da elevação da sua critica, da firmeza inquebrantavel no seu credo scientifico, são testemunhas as reputações falsas, destruidas pelo nosso collega, os renomes por elle discutidos, os odios conquistados, as conspirações de silencio contra o seu nome e o seu trabalho e os numerosos documentos de alta estima, firmados pelos nomes de Guerra Junqueiro, Eça de Queiroz, João de Deus, Theophilo Braga, Guilherme Braga, Ruiz Aguilera, Pessanha Pova, D. Francisco Tubina, Guilherme d'Azevedo, Simões Dias, Augusto Seromenho, M. Duarte d'Almeida, Alexandre da Conceição e tantos outros que não exprimem simples e banal cortezia, mas vehemente e sympathico applauso. Os detractores micropicos do severo critico estão deffinidos e julgados. Nem fallaremos n'elles.

*

* *

Além das obras citadas é prodigioso o trabalho de Silva Pinto, espalhado durante cinco annos (1874-1878) nas columnas da imprensa do Porto, desde a *Actualidade* e o *Diario da Tarde* até á *Voz do Povo*, por elle sustentada com o vigor de que todos se recordam.

Foi ao largar a redacção da folha progressista que Silva Pinto resolveu consagrar aos dominios da Arte e da Critica todos os recursos da sua actividade.

O acanhado terreno que essa actividade tem encontrado no nosso paiz, bem como ingratidões e vilanias, que, — ou muito nos enganamos, — darão cedo horas bem crueis aos detractores de Silva Pinto, desviaram-lhe os olhos para o Mundo Novo, onde o seu nome é de ha muito conhecido e onde amizades velhas e carinhosas lhe serão alivio ás dores do coração.

Nós a proposito d'este homem diremos que não conhecemos mais prodigioso contraste do que o da severidade implacavel dos seus artigos, traduzindo-se na habitual dureza do seu olhar—e o fundo de sentimento e de admiração reconhecida que elle tem para uma acção generosa, para uma obra de verdadeiro merito e sobre tudo para aquelles a quem ama.

*

* *

Silva Pinto, á hora da despedida e entre os dous ultimos abraços disse, com as lagrimas nos olhos, que votava ao Porto um affecto quasi religioso, porque n'esta terra todos trabalhavam. O distincto escriptor é um obreiro incansavel e odeia do fundo d'alma os que passam a vida n'um ocio degradante e prejudicial. Está aqui o seu maior elogio.

Pedi-nos o illustre critico a publicação da carta seguinte:

Meu caro Ernesto Pires:

Na hora da partida peço-lhe que registre nas paginas da nossa «Revista» a expressão da minha magua ao separar-me de bons e leaes amigos e companheiros de honrado labôr. Conto regressar breve; se o meu espirito não tenta, n'esta hora, illudir-me o coração. O meu auxilio offereço e hão de tê-lo. Especialize nos meus protestos de saudozo affecto o nome do bom e honrado collega Souza Moreira e o do nobre e valente espirito que tem honrado as paginas da *Revista* com o nome de Narcizo de Lacerda.

Registre, mais, um adeus a todos os collaboradores da *Revista* e a todos os collegas da imprensa jornalística assaz dignos para bem recebê-lo. V. aceite um abraço forte e leal e até breve.

SILVA PINTO.

Vá, amigo; e que as auras da felicidade lhe bafegem os dias do porvir.

ERNESTO PIRES.

O ADEUS DE ROMEO

(IMITAÇÃO DO ORIGINAL (SOBRE O ACTO III SCENA V) DESDE OS VERSOS)

Will thou be gone? it is not yet near day:
It was the nightingale, and not the lark,
That pierced the fearful hollow of thine ear:
Nightly she sings on yon pomegranate tree:
Believe me, love, it was the nightingale.

JULIETA

Pois queres já partir? Se a aurora, filho,
nem ainda mostrou no espaço ethereo
seu facho alentador!
Não ouves? É o rouxinol que expira
de sobre a romanzeira. É noite ainda...
é noite, meu amor!

ROMEO

Ai, anjo! que te perdes! Da calhandra
e não do rouxinol, filha, era o canto
qu'a tua alma escutou!
É ella! que dizer vem sobre a terra,
nuncia d'anjos talvez... dizer-nos trémula
qu'a noite já findou!
Não vês?... Não vês além sobre os oiteiros
o clarão da alvorada que desperta
a raiar... a nascer...
Não vês?... É finda a noite... A briza géla-nos...
Os montes já doirados!... Anjo! eu parto...
Que ficar é morrer!

JULIETA

Infundado temôr! Bem vejo ao longe
o clarão que me aponta... São reflexos
de um meteóro, talvez...
Lume consolador que Deus te envia
a ensinar-te, mais logo, o chão da estrada...
a encaminhar-te os pés!
Fica! fica 'inda aqui por um instante!
ai! não has de morrer!
A luz que além divizas fôge e sóme-se
vae já desaparecer...

ROMEO

Sou teu, anjo d'amor! Qu'importa a vida!
Morrer ao pé de ti! — o que ha na terra
que tanto valha, ó Deus?
Já vejo... já enxergo... é noite ainda...
alta noite, meu anjo! Era uma estrella
que vi fulgir nos ceus!
A calhandra! Que sonho! Escuto ainda
do rouxinol o canto sobre o espaço
nas auras a voar...
Quero a morte! Bem vinde sejas! Quero-te!
Sou teu... só teu... É noite escura... é certo...
Posso... quero ficar!

JULIETA

Ficar? Aqui? Eu tremo. Parte, ó filho!
embóra leves n'alma esta minh'alma
Que Deus te confiou.
Parte!... parte!... A calhandra é que cantava...
foi ella que mentiu... quem nos sepára
nos cantos que soltou.
Tremo... Perdi-te. Ai, illusões malditas
que vi surgir em mim! É dia pleno
Já vae raiar... surgir!
Parte! qu'a morte além sobre ti paira!
De joelhos, amor! o dia mata-nos
deves... debes partir...

ROMEO

É dia? Pois qu'importa? anjo, seréna-te.
Já posso tudo ver.
Que importa o brilho do arrebol? Acalma-te.
Por ti quero morrer!

JULIETA

Partes? E partes já? Assim?... E deixas-me?
Tu qu'és d'est'alma o irmão, que Deus á terra
só para mim creou!
Parte!... que serei tua esposa... ou martyr...
Tua... como é do ceu a luz dos astros...
como... só tua eu sou!

ROMEO

Adeus! Qu'um beijo teu alente est'alma
cançada de lutar.

Vou descer... Sê só minha, alma inspirada
qu'hei de morrer a amar!

JULIETA

Ai, até quando, amor?

ROMEO

Deus o disséra
nos só disignios seus!
Vou deixar-te, mulher... Qu'anjos te amparem
Adeus! mulher...

JULIETA

.....Adeus!

.....

JOSÉ CALDAS.

LUCTAS LITTERARIAS

Se a severidade da Critica, no periodo contemporaneo, carecesse de justificação, perante os espiritos cultos, o repugnante quadro das coteries litterarias, que por ahí vemos, bastaria como legal documento. Todas as palavras de condemnação, por mais rudes, estão longe da dolorosa exigencia. Não sabemos se tem para os escriptores novas apparencias de encanto o papel de censor. A cruel verdade — dizemol-o, fundados na experiencio dura, — poderemos rezumil-a em breves linhas, reconstruindo affirmações de hontem. Que os neophytos da Critica, aquelles que não repelliram, ao entrar na lucta, a boa fé, a resumam.

Em Portugal, os centros litterarios, mais ou menos numerosos, mais ou menos legalizados na esphera da litteratura «official,» não invejam indignidades aos centros politicos do paiz: ha, tambem nos dominios sagrados da Arte, reis imbecis, camarilha vilan e um publico lórpa, que applaude e paga. Um certo acontecimento reune em dada occasião as diversas egrejinhãs; o apparecimento d'um espirito altivo: aquellas hordas aproximam-se em face do inimigo commum, como os sectarios da monarchia ao ouvirem a Marselheza. Os conservadores litterarios seguem o seu plano, já conhecido em face do neophyto: tem como a Politica, uns insultadores piolhosos do jornalismo, transfugas da Honra, disputados ás doçuras da vadiagem pelas bancas deshonoradas da baixa imprensa. Essa escoria recebe o santo e a senha dos patrões e busca intimidar pela injuria o recém-chegado recalcitrante. Succede por vezes que um nobre espirito sem a corda do combate, succumbe ás sevicias d'aquelles miseraveis e emmudece para sempre.

Se o recém-chegado passa ávante, sem attentar na horda, os baixos rufões são retirados do campo. Enceta-se a segunda phase: chegam os desafios burlescos, as ameaças anonymas, o denegrir traiçoeiro da reputação em botequins, peçados de idiotas; chegam os

insultadores de alto cothurno — galerianos sem galés, — com o arsenal de injuria grossa, cinzelada, apparatusa, boa para o gaudío dos pascacios: chove a metralha sobre o profanador; a *claque* enrouquece em bravos furibundos e — ai d'aquelle, se não soube transformar a penna em vergasta, a enchada em instrumento mortifero!

Se o homem resiste e, de atagantar a vilanagem, passa ainda ávante, está salvo das aggressões directas, mas a lucta surda recrudescce. O publico desprevenido duvidaria de nós se lhe narrassemos torpezas a que o *favor litterario* tem arrastado certa horda... É uma guerra de exterminio: a *conspiração de silencio* estabelece-se em todo a linha: tentativa de suppressão do trabalho e de annullação litteraria: crime duplo!

Entretanto, os espiritos timidos, retiram-se da arena; os covardes tranzigem e renegam a solidariedade com um ou outro companheiro de antigas luctas e na vereda temivel vae proseguindo, em numero bem limitado, o grupo dos impenitentes; tem rugas precoces e cabellos brancos ao alvorecer da vida; conheceram praticamente o pão negro, de que abusam os romancistas tetricos; viram a seu lado a tranzigencia, na frente o isolamento — e seguiram para a frente; a serenidade é o seu *desideratum*: felizes os que lograram obtel-a.

SILVA PINTO.

PECCADORA

Deixa em ondas correr, correr liberrimo
O pranto que te eclipsa os olhos pulchros:
— A flôr da Redempção nasce entre lagrimas
Nasce apenas á beira de *sepulchros*.

Não pollúas teu labio co'a blasphemia,
Não creias teu peccado — irremissivel:
Desça ao lodo o que é lodo! mas o Espirito
Não desce. — A Alma é flôr immarcessivel.

A Alma! a sempre viva! a sempre incólume!
— Labareda immortal que se alevanta
D'entre apagadas cinzas, d'entre sordidos
Lameiros — sempre pura e sempre santa!

A seiva que se escôa, clara e limpida
Por entre as podridões mais asquerozas
É que corre do seio dos cadaveres
Para o seio dos lyrios e das rozas!

A Alma! nunca viste um sol vivissimo
Bater n'um lago que secou de todo?
Nem por isso se afoga a luz no pantano.
Não! A luz é que afoga o proprio lodo.

Ergue-te, pois, Mulher! Tu, a quem, trémulos
Os pés já sangram na aspera vareda,
Ergue-te á luz em ascenção esplendida
Tanto maior quanto foi grande a quêda!

Ergue-te á luz! e deixa os olhos humidos
Distillar o seu balsamo bemdicto!
Chora! — que cada estrella d'essas palpebras,
Subindo, hade alastrar o Infinito!

É tempo já. A cruz do teu supplicio
Deu-te direito á placidez e á calma.
Esquece o que passou: Se o infortunio
Não mata o coração, menos a alma.

Menos a alma, sim! — a sempre incolume,
Labareda immortal que se alevanta
D'entre apagadas cinzas, d'entre sordidos
Lameiros — sempre pura e sempre santa!...

NARCIZO DE LACERDA.

PENSAMENTOS LIVRES

«O eterno modelo das monarchias, a sua expressão mais simples, é a Familia. Um rei está para o seu povo como um chefe de familia está para ella. O governo monarchico, portanto, é um governo paternal, patriarchal, o melhor dos governos possiveis.»

Assim dizem os defensores dos thronos. E nós tambem. Com effeito, tudo se passa exactamente assim... na China, onde um pae pôde fazer de seus filhos, como um imperador dos seus vassallos, tudo o que lhe aprouver — inclusivè tirar-lhes a vida.

*

Todas as vezes que o principio democratico triumphou ou pareceu triumphar em qualquer paiz da Europa, os reis tremeram nos seus thronos, por mais afastados que estivessem d'esse paiz. Basta lembrar 1792 e 1848, datas immortaes. Nenhuma restauração monarchica, porém, tem influido sobre a estabilidade das republicas estrangeiras.

Dá-se a razão d'aquelle phenomeno politico no pensamento seguinte.

*

Tem-se dito que as ideias não param nas fronteiras. É verdade. Mas deve-se entender que são as ideias boas e generosas. Não assim as outras, as más, as egoistas, as falsas ideias. Os Estados Unidos da America nunca tiveram medo de propaganda monarchica, originada pelo exemplo do visinho Mexico, quando foi imperio. A Suissa, encravada entre monarchias poderosas, nunca receiou o contagio d'ellas, desde a revolução personificada em Guilherme Tell até aos nossos dias. É porque, em politica, ao revez do que succede em hygiene, não é a doença que tem contagio — é a saude. E, pelo contrario do que succede em moral, são os bons exemplos, os costumes austeros e as sãs doutrinas que se propagam rapidamente.

Os factos confirmam, como se viu dos exemplos apontados, esta differença radical entre as leis que

præsidem á prophylaxia moral por um lado e á prophylaxia politica por outro. É isso que os factos confirmam, a razão pôde demonstral-o. Com effeito, se o vicio inoculando-se ás occultas, e quasi sempre de individuo para individuo, affaga perfidamente as nossas paixões — muito ao contrario, a devassidão dos governos pessoases, cujo fama corre de povo para povo com a maior publicidade, ameaça directamente os nossos mais sérios direitos e interesses legitimos.

Todos os homens que não são hypocritas, ou ignorantes, esperam com alvoroço o raiar d'aquelle dia em que a alma humana, libertada pela sciencia, querendo fitar o céo, não o ache encoberto pela egreja, e, querendo elevar-se até Deus, não seja obrigada a descer até ao padre.

O chamado *carro da gloria* é como o carro do deus Djagnernat que passa, nas ruas de Benares, por cima dos corpos dos seus adoradores. E um Heroe não é senão um cocheiro embriagado, que vae pelos caminhos tortuosos e estreitos da Historia, atropellando o direito e esmagando os povos.

No Veda, diz Max Muller, não ha vestigio das atrocidades de Kali, a sangrenta deusa dos Tângs. Como no Evangelho, dizemos nós, não ha vestigio do deus infame de Catharina de Medicis, de Torquemada e do cura Santa-Cruz. O inquisidor nasceu da desorganisação do cristianismo, como o Tâng nasceu da desorganisação do bramanismo.

Proudhon affirma que a *Marselheza* não passa de uma amplificação rhetorica. Salvo o respeito devido á memoria do grande trabalhador, aquelle asserto é que não passa de uma blasphemia artistica, e veio provar mais uma vez esta verdade sabida: — que o bom senso é quasi sempre incompativel com o bom gosto. As grandes obras de arte, filhas da verdadeira inspiração, parecem-se com as da Natureza, a suprema artista, — em toda a gente as perceber sem demora.

E nenhuma tem mais pronunciado que o canto de Rouget de Lisle, esse cunho infallivel. Não ha ouvido, por mais inulto, que não perceba e retenha para sempre aquelles notas frementes, garganta, por mais refractaria á harmonia, que as não possa entoar. Duas nuvens chocaram-se uma vez nos ares da França. Uma chamava-se Enthusiasmo. A outra chamava-se Indignação. A *Marselheza* é o trovão que ribomba indefinidamente, depois do raio que fulminou a Europa em 1792, illuminando-a. A sua musica é um canto de guerra que tem as notas tremendas do *Magnificat*: — *Deposuit potentes de sede*. E o seu poema, se é uma amplificação, é a amplificação d'aquella vingadora promessa de Jesus: — Os ultimos serão os primeiros.

Um dos resultados do ultimo concilio ecumenico em que se proclamou a infallibilidade do Papa, foi a modificação da formula de Pio IV, segundo a qual prestam juramento os ecclesiasticos. Damos em seguida a parte emmendada d'essa formula, que traduzimos litteralmente do latim original, *original* em todo o sentido:

«Tambem accetto e professo com inteira fé, tudo o mais que foi ensinado, definido e declarado pelos sagrados canones, etc., etc., etc., ácerca do primado e do magisterio *infallivel* do Pontifice Romano.»

Tal é, repetimos, a versão litteral. Mas nós vamos dar uma versão livre, que interpretando o sentido occulto da formula, cremos que a traduz muito menos irracionalmente, e, sobre-tudo, muito menos indignamente da consciencia humana e do senso commun. Eis a nossa traducção, que é juxta-linear:

Iteni recipio ataque profiteor, tambem recebo e faço bom proveito, *indubitanter*, por via das duvidas, *cætera omnia*, de tudo o mais, *tradita*, que traz dita ou felicidade, *definita ac declarata*, definida e declarada, *a sacris*, aos sacristas, *canonibus*, aos conegos, *et ecumenicis*, e aos que comem, *concellis*, em celhas, *ac precipué*, e que percebem, *sacro-sancta sejnodo Tridentina*, o sacrosanto sino dos tres dentes, (parece uma allusão respeitosa dos tres unicos que restavam ao venerando Pontifice de então,) *presertim, presente, primatu*, ao primeiro acto, *et*, que é de, *infallibili, bilis* nas fallas, (suspeitamos que se allude aos discursos cheios de fel contra a Revolução liberal que n'aquelle tempo fazia o Santo Padre,) *de magisterio*, apoz a má digestão, *Romani Pontificis*, do Papa... jantares Romano.

Damos a nossa palavra de honra que não alteramos, na transcripção, uma das palavras latinas.

Ha um grave desaccordo entre os bramanes de Benares e os de Roma — em liturgia... hygienica. Consiste em usarem, estes, a tonsura com os cabellos á roda, e vice-versa os outros. Trazer, ou não, rapado o occiput, é portanto a maior differença entre os theologos do Ganges e os do Tibre.

A chamada *voz do sangue* é o egoismo das familias, assim como o patriotismo é o egoismo das nações e a philanthropia e egoismo da humanidade. Todo o amor, que se limita, é uma medalha em cujo reverso está gravado o odio. A especie humana é uma fracção infinitissima do universo, que mal se percebe na escala infinita dos seres. O verdadeiro amor é infinito como a Natureza. Sentir dentro em si a alma universal das coisas, ter a mesma consciencia, uma e indivisivel, dos atomos e dos astros, ver com a mesma lucidez simultanea e sympathica o infusorio e o Leviathan, é ser Deus. Aquelle que se approxima d'este Ideal, approxima-se das fontes eternas de todo o Direito.

O homem é como o ferro ou como a agua. Ocioso, enferruja-se ou corrompe-se.

*
O monarcha mais benemerito da antiguidade, foi Codro que se matou, (sacrificio demasiado e até funesto!) para dar a liberdade a Athenas. O monarcha mais digno do nosso tempo foi Amadeo, resignando o throno de Hespanha por si e pelos seus descendentes.

*
A palavra humana, quando abrazada ao sopro ardente da liberdade e da fraternidade, é como se a emitisse uma lingua de fogo. Lambe o odio e a vingança aninhados no coração do desgraçado. É das cinzas d'essas paixões más, orvalhadas pelas primeiras lagrimas de uma salutar commoção, que nascem quasi sempre os sentimentos bons e generosos—como da India, ao cahir das primeiras chuvas de junho, brotam flôres em torrão, adubado pela queimada de suas plantas ruins.

CAMILLO DOS MOINHOS.

A GRATIDÃO DO ACTOR

POESIA ESCRIPTA, EXPRESSAMENTE, PARA SER RECITADA
PELO ACTOR-IMITADOR TRINDADE EM NOITES
DE SEU BENEFICIO.

Eu nasci n'um berço d'ouro,
Fui crescendo entre flôres,
Abri na infancia o thesouro
De puros, castos amores.
Inda abracei minha mãe!
Sei a campa onde ella móra...
A minha alma ainda a chóra,
Mas de balde o pranto cahe!

Eu passo uma vida errante,
Pobre, abandonado e só;
Não tenho affectos d'amante,
Meu pae e mãe já são pó!
Meu pae, meu unico amigo,
Que me disse, á despedida:
— O meu filho, anda commigo,
Temo deixar-te na vida! —
Pobre velho, adivinhava
A noite do meu porvir!
Eu escutava-o e chorava...
Morreu!... não o torno a ouvir!
Tenho ido, já muitas vezes,
Ao seu tumulto, aos Prazeres,
Quando do mundo os revezes
Me tem mostrado os soffreres,
Lancinantes e pungentes
Da sorte que me consome,
Dizer-lhe: — Querido pae,
O teu filho morre á fome!
E tu, na campa não sentes
Que elle morra sem ter pão?...
P'ra toda a parte que vae

Nunca encontra protecção!
Vale ainda ao filho teu!
Vale á minha desventura! —
Responde-me o mausoleo:
— P'ra ti finou-se o ventura! —

Por todos desprezado, arrasto pobremente
Este sudario enorme: — A minha vida escura;
Curvo a joven fronte ao pezo permanente
Da irresistivel mão da negra desventura.

Sou mais do que infeliz! A voz — beneficencia, —
Vejo por'hi erguer-se em prol d'infortunados,
Que teem na lauta meza as sóbras de opulencia
E no proscenio augusto os louros festejados!

Mas vou luctando sempre e sempre confiado
Na bondade suprema, essa bondade infinda,
Que eu pude conseguir d'um publico illustrado,
Que me tem protegido e me protege ainda.

Eu sinto-me orgulhoso ouvindo os vossos bravos,
Escutando o bater das espontaneas palmas;
É linitivo ethereo, aos meus dias escravos,
O fogo salutar qua sahe das vossas almas.

Sou desgraçado artista e venho respeitoso,
Dizer que tenho, aqui, um coração ardente;
Que sempre lembrará o acolhimento honroso,
Que de vós recebi, ó caridosa gente!

ERNESTO PIRES.

OS LADRÕES TITULARES

ROMANCE

PRIMEIRA PARTE O NOVO ROCAMBOLE

I

FEIOS DA ALMA E BONITOS DO CORPO

Um creado correu o reposteiro e annunciou:
— O senhor Carlos.
Na sala ouviu-se um grito de alegria.
— Que entre — disse uma voz de mulher — que
entre...

A pessoa annunciada pelo creado entrou na sala.
Era um rapaz que poderia ter vinte e dois annos
de idade, de physionomia atrevida, tez morena e olhos
pretos.

O vestuario cortado pelo ultimo figurino de Paris,
assentava-lhe como uma luva.

— Esperava-o com impaciencia, meu caro — disse,
ao vê-lo entrar, uma formosa joven que estava
sentada n'uma poltrona, junto ao fogão da sala, fogão
onde ardia um bom lume.

— Peço-lhe perdão por a ter feiço esperar, querida
Etelvina. O culpado, porém, da minha falta, não fui
eu; foi João de Athayde...

— Ah! — fez a joven estremecendo — Fallou com meu primo?

— Vejo que não lhe pareceu mal empregado o tempo.

— Com certeza. Diga-me, soube alguma novidade?

— De Luiza?

— Bem sabe que...

— Que só com ella se importa; por outra, que só ella a encomoda? Sei-o perfeitamente, como disse, e por essa mesma razão procuro desembaraçar-a d'esse... obstaculo — concluiu o rapaz, sorrindo.

— Porque está de pé? Sente-se, e diga-me o que pôde saber.

Carlos rodou uma poltrona para ao pé da de Etelvina, e sentou-se.

— Sua irmã chega amanhã á noite — disse elle, olhando fito para a sua companheira.

Esta fez-se horrivelmente pallida.

— É impossível! — balbuciou com terror.

— É a verdade.

— Então estamos perdidos!

— Qual! — disse Carlos accendendo um charuto.

— Porém a volta de minha irmã vae fazer desabar como se fosse um castello de cartas, todo o edificio que com tanto trabalho construímos...

— Um edificio de mentiras, de calumnias, de intrigas, é verdade — Mas não sabe, querida amiga, que o não levantamos na praia?

— Mas...

— Repito-lhe, o nosso edificio, como lhe chamou, e que, á similhança do inferno do Dante, poderia ter sobre a porta de entrada um letreiro, onde se lê-se em grandes caracteres a palavra — *Ambição*, — não irá a terra por causa da vinda de sua irmã. A esse respeito dou-lhe a minha palavra de honra que pôde estar desencanada.

— Não o posso estar, mesmo depois do que acaba de dizer... Verá que o regresso de minha irmã nos traz desgraça, verá!

— Vou-a fazer socegar com quatro palavras apenas: Fui eu que mandei...

— O quê? — perguntou a joven com anciedade.

— Vir Luiza — disse Carlos recostando-se na cadeira.

— O senhor Carlos!... — exclamou Etelvina erguendo-se como um espectro.

— Eu, sim; e vou agora dizer-lhe porque. Sente-se outra vez, e escute-me.

Etelvina, trémula ainda, sentou-se de novo e preparou-se para ouvir a communicação de Carlos.

— Agora que vamos começar a verdadeira lucta — disse o rapaz depois de ter aspirado algumas fumaças do *puro* que estava fumando — agora que vamos ver qual o resultado de todos os nossos trabalhos, será bom recordarmo-nos das bazes do nosso contracto, e das nossas respectivas situações quando pela primeira vez tivemos a felicidade de nos encontrarmos — não lhe parece, querida Etelvina?

— Se o julga necessario...

— Vejo que me comprehende. Principio, pois:

«Eu era um vadio que acabava de gastar os ultimos vintens que recebera da herança de minha mãe, viuva, dizia ella, de um official miguelista. — Devo

previnil-a de que sempre desconfie da honra da illustre viuva... Passêmos adiante.

«Uma noite, no theatro, os nossos binóculos encontraram-se por acaso. Eu, ao vê-la, minha querida, adivinhei immediatamente em si uma mulher superior, uma mulher como eu necessitava. Etelvina, ao vê-me, adivinhou tambem em mim o homem de que precisava.

«Simpathisamos.

«D'ahi a oito dias já nos *amavamos* — julgo que é a palavra que devo empregar.

«Um mez depois confiava-me os seus planos, e eu confiava-lhe os meus.

«Levára tempo porque a Etelvina é desconfiada e julgou prudente sondar-me com todo o cuidado. Eu, que lia no seu coração como em um livro aberto, permitta-me a comparação que é trevial, deixei-me sondar.

«Etelvina, precisava de um homem intelligente, que a ajudasse n'uma penosa tarefa; eu, queria dinheiro com que podesse sustentar os meus vicios que, verdade... verdade, são bastantes.

«Entendemo-nos perfeitamente. Pois se parecia que Deus nos creára um para o outro!

«Veja, querida o que pôde resultar, do *choque* de dois binóculos, uma cousa tão simples, tão natural, tantas vezes succedida durante um espectáculo!...

«Etelvina tem uma irmã de quem é rival, e a quem ambiciona a riqueza; quer livrar-se d'ella por todos os modos, e paga-me para que eu a ajude n'este honroso trabalho.

«Assim que se acabar esta especie de *caçada*, faremos como os caçadores — dividiremos a presa. Eis as bases do nosso contracto.

«Achou boa a minha exposição?

— Tem excellente memoria, Carlos — respondeu a joven mordendo os labios.

— Muito obrigado pelo elogio, queridinha.

— Agora vou dizer-lhe a razão porque ordenei a vinda de Luiza.

— Ah!

— Soube do fallecimento de sua tia?

— Que! pois minha tia morreu? — perguntou Etelvina sem poder occultar a sua alegria.

— Sabe que essa pergunta denota pouco amor... de sobrinha?

— Carlos...

— Bem, bem, eu continuo, e d'esta vez sem fazer commentarios.

— Sua tia fez testamento...

Etelvina estremeceu.

— E deixou por sua universal herdeira Luiza...

— Então tudo sahio bem? — interrompeu a joven.

— Perfeitamente. Bem vê, queridinha, que sua irmã, depois d'este acontecimento não podia ficar em Alcoutim por mais tempo sem causar suspeitas — eis tudo.

— Fez muito bem, meu caro...

— Olhe, se em lugar de agradecimentos me desse dinheiro, fazia melhor.

— Precisa d'elle?

— Pois quando é que se não precisa de dinheiro?...

Etelvina levantou-se.

— Quanto deseja?

— Quero cem mil reis para esta noite mesmo — respondeu Carlos accendendo outro charuto.

— Prompto...

— Obrigadissimo, queridinha.

— Foi João de Athayde que lhe deu todos esses esclarecimentos?

— Adivinhou. Parece-lhe ainda que a volta de Luiza trará desgraça a esta casa?

— Oh! agora nada receio, póde vir quando quiser, a innocente pombinha!

— Boas noites, Etelvina — disse Carlos levantando-se de repente e indo pegar no chapéu.

O relógio dava naquelle momento onze horas.

— O quê! já se retira? — perguntou a joven com admiração.

— Tenho uns poucos de amigos á minha espera, dou hoje uma ceia... Não me posso demorar por mais tempo.

— Não se esqueça dos nossos negocios, não?

— Deus me livre de tal! Adeus.

— Até amanhã...

— Havemos de fallar ainda antes do regresso de Luiza. Adeus.

Carlos beijou a mão que Etelvina lhe estendera, e sahiu da sala. Em baixo esperava-o um lindo coupé.

Um creado com o chapéu na mão veio abrir-lhe a portinhola e receber as suas ordens.

— Tenho ainda uma hora murmurou, o rapaz consultando o seu chronómetro—Vamos para casa—disse para o laçao.

O coupé rodou puxado por dois excellentes cavalos.

Carlos habitava n'um palacete na rua de Santa Catharina.

Dez minutos depois de ter deixado Etelvina, o nosso heroe entrava no seu quarto de vestir, luxuosamente mobilado.

Accendeu uma vela n'um candelabro e aproximou-se em seguida d'um rico espelho de Venesa e carregou em uma pequena mola occulta na moldura. O espelho girou deixando vêr uma porta falsa.

Carlos entrou por ella. O espelho voltou ao seu lugar.

D'ahi a meia hora abriu-se uma portinha que havia no muro do jardim de Carlos.

Para fóra sahiu um rapaz vestido de blusa e com o bonet de pala posto na cabeça de maneira a encobrir-lhe o rosto.

Depois de se assegurar de que o não vigiavam, encaminhou-se rapidamente para os lados da Praça da Batalha.

Mal elle tinha desaparecido na sombra, abriu-se uma porta da casa fronteira ao muro.

Sairam dois homens.

— Tens a certeza de que era *elle*? — perguntou um d'elles em voz baixa.

— Era *elle*, affirmo-lh'ó, senhor conde — respondeu o outro.

— Vamos então...

E seguiram o moço operario.

(Continua.)

ANTONIO DA CUNHA.

ERNESTO

A *Revista* continua a ser bem recebida pela maioria da imprensa do paiz. A proposito do N.º 4 escreve o nosso estimado collega, o sr. Dr. Rodrigo Velloso, da *Aurora do Cavado*:

«O 1.º artigo, *Um divórcio*, é a critica sem piedade, pelo snr. Silva Pinto, do acto dramático d'este titulo do snr. Antonio Ennes, e a proposito a critica severa, mas quasi sempre justa, das levianas apreciações da princeza Ratazzi sobre alguns dos nossos homens de letras.

«Nem sempre concordando com o sentir do snr. Silva Pinto, não podemos com tudo deixar de reconhecer n'elle um bello talento, uma poderosa, ainda que por vezes egoista e misantropica individualidade, e um grande criterio e bom senso critico, o que não é das qualidades mais e antes das menos vulgares n'estes maldadados tempos em que tanto imperam as *coteries* e compadrios litterarios. Os versos ineditos de Alexandre Braga—*Amelia*—são um primor, e bem mostram que é elle ainda hoje o grande poeta das *Vozes d'alma* e da *Ode á Inglaterra*, e um dos mais vigorosos talentos do velho Portugal. Ainda bem que o foro, em que elle é um luminar, e sua constante e raladora prosa não conseguiram atrophiar tão bello talento.

«São apreciaveis tambem os versos que a *Revista* publica n'este n.º dos snrs. Narcizo de Lacerda e Ernesto Pires.»

O nosso collega de Lisboa *O Contemporaneo*, acuzando a recepção da *Revista*, diz:

«Recebemos e agradecemos a excellente folha critica e litteraria *Revista de Arte e de Critica*, que acaba de publicar-se no Porto. E' uma publicação dirigida com elevado criterio e o mais excrupuloso acerto na escolha d'artigos.

«Sentimos que a falta d'espaco nos iniba de fallar mais largamente da esclarecida folha, a quem desejamos prospera e desassombrosa carreira.»

O nosso amigo Dr. Ferraz de Menezes honrou-nos com um exemplar do seu magnifico livro: *Étude sur la diphtérie*, publicado ultimamente n'esta cidade. O auctor é um moço, cheio de talento e de futuro, que completou, inda ha pouco, com não vulgar distincção o curso de medicina e cirurgia na eschola do Porto. O seu livro é garantia sufficiente do seu estudo e uma estreia brilhantissima, que deve servir de incentivo, ao já distincto medico, para novos e ignaes committimentos.

O livro de F. de Menezes encontra-se á venda na livraria Vieira Paiva na rua do Bonjardim. Custa 3 francos.

ERNESTO PIRES.